



Fonte: FMI, Reuters e Centro de Informações da Gazeta Mercantil.
* Posição em 29.04.91

Faltou acordo; dólar sobe

30 ABR 1991

GAZETA MERCANTIL

por Celso Pinto
de Londres

O dólar ficou ainda mais forte depois dos tímidos resultados da reunião do Grupo dos Sete países mais ricos (G-7), domingo, em Washington. Em Frankfurt, o dólar fechou a 1,7765 marco, o nível mais alto desde dezembro de 1989.

A confiança dos mercados na moeda norte-americana aumentou ainda mais depois da vaga referência do comunicado do G-7 sobre a questão cambial. Os ministros econômicos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Japão, Alemanha, Itália e Canadá reafirmaram "seu compromisso de cooperar estreitamente nos mercados cambiais", mas não houve menção à possibilidade de intervenção sistemática conjunta para segurar o dólar.

O outro tema central na agenda do G-7, a questão das taxas de juro internacionais, acabou tendo um desfecho igualmente moroso. Os Estados Unidos pressionaram para obter um compromisso de seus parceiros, especialmente a Alemanha, para uma redução dos juros internacionais, de forma a reverter as tendências recessivas atuais.

O comunicado final, contudo, limitou-se a registrar

(Continua na página 20)

Ontem, em Nova York, o dólar fechou cotado a 1,7512 marco (1,7515 marco na véspera). Frente ao iene, o dólar recuou 1,95%, ao ser cotado a 135,60 ienes (138,30 ienes). Em Londres, o dólar registrou uma alta de 0,80% frente ao marco, ao ser cotado a 1,7685 marco (1,7545 marco). Em relação ao iene o dólar caiu 0,40%, ao trocar de mãos a 137,60 ienes (138,15 ienes).

Faltou acordo; dólar sobe

por Celso Pinto
de Londres
(Continuação na 1ª página)

o desejo dos países de perseguir políticas fiscais e monetárias que permitam retomar a expansão e reduzir os juros, "como uma estratégia de médio prazo". Como estes são, por definição, objetivos de qualquer política econômica a médio prazo, a implicação imediata em termos de taxas de juro é nula.

"Daqui para a frente, cada país vai seguir sua própria política de acordo com suas condições", disse o presidente do Banco do Japão (banco central), Yasushi Mieno, refletindo uma impressão que dominou os mercados ontem. Depois de um passado intervencionista a partir dos acordos do Plaza, em 1985, e do Louvre, em 1987, o G-7 parece menos disposto a perseguir uma política agressiva nos mercados cambiais. Da mesma forma, a reunião de Washington não deu nenhuma indicação de que as diferenças

de prioridades nas políticas dos países do G-7 se tenham estreitado.

Os Estados Unidos, como reafirmou ontem seu secretário do Tesouro, Nicholas Brady, estão preocupados em evitar uma recessão internacional forte. Com a inflação em declínio e em meio a uma recessão interna, a prioridade norte-americana é reativar sua economia — algo que seria facilitado por um contexto de juros internacionais mais baixos.

Os alemães, ao contrário, estão especialmente preocupados com as pressões inflacionárias, em função da unificação e, desde fevereiro, pela persistente queda no valor do marco (aumentando o custo dos produtos importados). Desde o segundo semestre do ano passado, os alemães passaram a elevar seus juros tentando acalmar os preços, enquanto os Estados Unidos reduziam os seus. No final de janeiro, as curvas se cruzaram quando os juros básicos alemães subiram de 6 para 6,5%,

um dia antes de os juros básicos norte-americanos serem cortados de 6,5 para 6%.

A inflação alemã, de todo modo, continua mais baixa, em termos anuais (2,5% em março) do que a norte-americana (3,9%), o que significa que os juros reais alemães estão subindo. Isso deveria atrair os investidores internacionais para a moeda alemã, mas, desde fevereiro, quando o dólar chegou a um recorde de baixa de 1,44 marco, aconteceu exatamente o oposto. Desde então, o dólar se valorizou 22% em relação ao marco. Ontem, no mercado, havia previsões de que o dólar poderia voltar à vizinhança dos 2 marcos, algo não visto desde meados de 1989.

A fraqueza do marco foi potenciada pelos problemas políticos do primeiro-ministro Helmut Kohl com as dificuldades na antiga Alemanha Oriental. Foi influenciada, também, pela crescente dificuldade na União Soviética. Se a situação soviética se deteriorar

ao ponto de uma guerra civil ou imigração em massa, estima-se que a Alemanha será o país mais afetado.

Neste contexto, a última coisa que os alemães querem é ser forçados a cortar seus juros. Este é um ponto especialmente importante para o presidente do banco central, o Bundesbank, Karl Otto Pohl, preocupado em reafirmar sua independência e a qualidade de sua política frente aos investidores internacionais.

Na reunião do G-7, domingo, num gesto sem precedentes, o próprio presidente norte-americano, George Bush, dirigiu-se aos outros ministros tentando, entre outros pontos, convencê-los da necessidade da redução dos juros internacionais. As pressões norte-americanas, desta vez, além de firmes, foram públicas, numa série de "vazamentos" que precederam o encontro do final de semana.

Mesmo assim, e apesar de a preocupação norte-americana ser comparti-

lhada por alguns outros países como a França, não foi possível obter nenhum compromisso dos alemães. Pelo menos, como disse o subsecretário do Tesouro, David Mulford, "eles (os alemães) hesitarão em aumentar seus juros".

Em contrapartida, os alemães, que certamente gostariam de ver o dólar desvalorizar-se frente à sua moeda, saíram sem nenhum compromisso do G-7 nesta direção. "As taxas de câmbio estão numa posição relativamente confortável no momento", definiu Mulford, fazendo eco aos termos vagos do comunicado do G-7. O dólar forte tem ajudado a política anti-inflacionária norte-americana.

Os analistas no mercado concordam que os "fundamentos" econômicos não justificam a firme valorização do dólar nos últimos dois meses, não só em relação ao marco alemão como também frente ao iene japonês e à maioria das moedas européias. Em certo sentido, o dólar teve o bene-

fício psicológico extra da euforia que acompanhou o final da guerra contra o Iraque.

A curto prazo, no entanto, a tendência deverá ser de fortalecimento da moeda norte-americana. É possível que o G-7 intervenha no mercado, como fez nas últimas semanas, se as cotações atingirem níveis considerados excessivos. No entanto, a reunião do G-7 afastou a possibilidade imediata de uma política persistente e maciça de derrubada do dólar, como já ocorreu no passado.

VARTA — A Varta AG, fabricante alemã de baterias, informou ontem que o lucro líquido da empresa-mãe permaneceu inalterado em 1990, ficando, como no ano anterior, ao redor de 39,6 milhões de marcos (US\$ 24,5 milhões), emperrado pela fraqueza de suas vendas no exterior, devido a fatores de câmbio estrangeiro. As vendas do grupo, no trimestre, registraram um avanço de 4,4%. (AP/Dow Jones)